

O QUE SE DIZ EM LONDRES

Uma triste comparação com o México. Do *Financial Times*.

Enquanto o México teve a inteligência e a capacidade de decisão política para enfrentar o problema da moratória e criar as condições necessárias para a renegociação da sua dívida, o Brasil andou aos trancos e barrancos e está neste momento pendurado na beira do abismo. Estas palavras são de algum político brasileiro, crítico do atual governo? Não, elas são um resumo, em termos moderados, da linguagem usada pelo *Financial Times*, o tradicional órgão especializado em economia política, que reflete — de um modo geral — a opinião média da City.

Quando se disse que era inevitável a comparação entre o comportamento do México e o do Brasil, procurou-se dar uma idéia aproximada das reações da City, mais interessada na performance do país devedor, que continua cliente, do que na confusão política e ideológica reinante em Brasília.

Para os meios financeiros britânicos, os mexicanos foram competentes e despachados, enquanto os tecnocratas brasileiros e todo o governo demonstraram falta de coordenação, objetivos pouco claros e pouca autoridade.

A decisão do Banco de Pagamentos Internacionais (Bank for International Settlements) sediado em Basileia, na Suíça, de não exigir "por enquanto" o pagamento do crédito antecipado de 400 milhões de dólares, que vence hoje, é encarada como uma concessão para que o Brasil possa respirar e como o reconhecimento público daquilo que o aviso da senhora Margaret Thatcher ao Parlamento disse, ou seja, que o maior devedor do mundo já não pode pagar aos credores.

A imprensa britânica — do *Financial Times* ao *Daily Telegraph*, do *Times* ao *Guardian* — admite que há negociações sigilosas para uma operação de socorro ao Brasil, que teria de ser perfilhada pelo banco central norte-americano, o Federal Reserve Board, apesar de todos os desmentidos, que o pacote financeiro e salarial do Fundo Monetário talvez tenha repercussões sociais e econômi-

cas negativas e que já chegou a hora de acabar-se, como afirma o *Financial Times*, com esse exercício de brinkmanship (ou acrobacias à beira do abismo) entre os governos brasileiro, norte-americano e europeu, os bancos, os Bancos Centrais, o FMI e o Banco Mundial.

Reconhece-se que os perfis das dívidas do Brasil e do México são bem diferentes, que era mais fácil para os mexicanos reduzir as importações e a própria dependência de dívidas a curto prazo (20 bilhões de dólares) paradoxalmente facilitou uma composição, assim beneficiando o governo do presidente Miguel de La Madrid, enquanto o governo do general João Batista Figueiredo hesitou muito, emburhou-se em ações táticas (e psicológicas) e não definiu uma estratégia.

Esta é a impressão que se generaliza nos meios financeiros de Londres, onde persistem os rumores de uma moratória brasileira — que seria inevitável até o fim do ano — e onde diariamente se pergunta sobre meios e modos para o pagamento da conta de petróleo, sobre um recesso econômico sem precedentes no Brasil (que prejudicaria os exportadores britânicos) e até mesmo sobre alterações na cúpula dirigente do País.

Julga-se que o Brasil precisaria tomar o remédio amargo do Fundo Monetário durante três anos (se tal coisa for possível) e beneficiar-se da recuperação da economia mundial e de uma hipotética — e cada vez mais remota — redução das taxas de juros norte-americanas. De qualquer maneira, resta o consolo de saber que o caso do Brasil será exemplar — negativa e positivamente — para definir as futuras relações entre os credores e os devedores do mundo e que até os banqueiros ingleses mais conservadores e conspícuos arriscam hoje um olho para o Relatório Brandt, as repetidas advertências feitas pelo ex-primeiro ministro Edward Heath sobre as relações Norte-Sul se outros documentos que eles antes consideravam rubbish — ou seja, bobagem.

Hormano Alves, de Londres;